

RESGATANDO VELHOS PERIÓDICOS JUNDIAIENSES

Maria Aparecida Lacerda Duarte Weber

Resumo: *Trata-se de um projeto de resgate de antigos e raros exemplares de periódicos jundiaenses, no estado de São Paulo, Brasil.*

Abstract: *This article presents a ransom's project of ancient and rare exemplars of jundiaenses newspapers in Saint Paul, Brazil.*

Apresentação

O Dicionário das Cidades Paulistas, de Assis Cintra, publicado em 1935, em suas páginas 7 e 8, no capítulo referente a Jundiaí, cita que, naquele ano, circulavam na cidade os seguintes jornais: *O Idealista*, bi-semanário, do Partido Constitucionalista; o *Jundiaense*, diário do Partido Republicano Paulista, e os semanários *O Popular*, *O Porvir*, *A Comarca* e *A Folha*.

Dois desses periódicos citados fazem parte da já citada pequena e rara coleção familiar: *O Porvir* e *O Idealista*. Ao lado desses, a coleção possui outros exemplares que, em 1935, não mais existiam. Trata-se de: *A Agulha*, de 1924 e o *Excelsior*, de 1932.

Consultando as autoridades responsáveis pelas hemerotecas da Biblioteca Municipal “prof. Nelson Foot”, do Museu de Jundiaí e do Jornal de Jundiaí, assim como da Biblioteca do “Gabinete de Leitura Rui Barbosa”, daquela cidade, fui informada da inexistência desses periódicos naquelas instituições. Diante do interesse por elas revelado julguei oportuna a publicação do histórico e da análise do conteúdo dos mencionados jornais, pois eles fazem parte da história da imprensa local e seus conteúdos são fontes valiosas para a crônica histórica jundiaense.

Iniciei o projeto pela análise dos duzentos exemplares de *O Porvir*, resumo este já publicado na Revista número 13 da ASBRAP e já enviado às mencionadas instituições. Dando continuidade ao projeto de resgate de memória,

analisei os vinte e oito exemplares do periódico *Excelsior*, e os exemplares únicos de *O Idealista* e *A Agulha*.

Julgo ser um dever cívico contribuir para que a história de nossas cidades e de nossa gente seja de sobremaneira conhecida. Apenas aqueles que a conhecem aprendem a amá-la e respeitá-la.

O EXCELSIOR E A REVOLUÇÃO DE 1932

Ficha Técnica do jornal Excelsior

Fundado em 1932, passando a circular a 28 de fevereiro de 1932.

Órgão literário, crítico e noticioso dedicado aos estudantes.

Hebdomadário, circulava aos domingos.

Órgão dos alunos do ginásio D. Pedro II, de Jundiáí.

Expediente:

Redator-chefe: Mário Piccolo (de 28 fev. 32 a 4 set. 32).

Redatores-gerentes: Guilherme Enfeldt (de 28 fev. 32 a 4 set. 32), Manuel Fagundes Cotrim (de 5 jun. 32 a 4 set. 32).

Redatores-secretários: Alfredo Marini (de 28 fev. 32 a 4 set. 32), Hermentino Teixeira de Brito (de 5 jun. 32 a 4 set. 32).

- Colaboradores:

Constantes: todos os redatores supra citados e mais: Arnaldo Mathern Hoenne, Álvaro de Laerte e o “Repórter”, pseudônimo de um colunista de humor.

Fortuitos: Dr. Francisco Rocha Filho, Santa Melillo (da capital paulista), Pimentel Júnior (de Rio Claro), Elio M. Orelhana, Athayde Nolame, Liberata, Arlindo A. Soares, Agnaldo de Arruda Cotrin (da capital), este era acadêmico de Direito na capital paulista, Mazzola, B. Guimarães, E. Rodrigues, Dr. Vicente Melillo (da capital), J. Egdio Russo (Rio Claro), João Edson de Melo, acadêmico de Direito na capital paulista, Modesto Simplício, Tino, Ginho, Greyton (bacharel da capital), Victorio Bortolan (de Limeira).

As moças, em geral assinavam com pseudônimos.

Sede da Redação e da Administração:

Rua do Rosário, 149 (de 28 fev. 32 a 10 abr. 32).

Rua 15 de Novembro, 100 (de 10 abr. a 5 jun. 32).

Rua Capitão Damasceno, 116 (de 5 jun. 32 a 4 set. 32).
Gráfica de *A Comarca*, Rua do Rosário, 63.

27 exemplares com 4 páginas; exemplar de n.º 13 com 6 páginas.

Dimensões: mancha impressa: 22,5cm. Largura x 30 cm. Comprimento: Folha: 37 cm. Comprimento x 26,5 cm. Largura.

Preço: anual: 10\$; avulso: \$300.

Notas históricas do *Excelsior*

No agitado ano de 1932, um grupo de jovens estudantes idealistas decidiu fundar um jornal feito por eles e destinado aos seus colegas. Seria um espaço aberto para que nele todos os estudantes pudessem publicar seus trabalhos literários, brincar de forma saudável e receber notícias a eles pertinentes.

O grupo de fundadores, entusiasta, recebeu o apoio de seu diretor, o eminente filólogo e professor João Luiz de Campos, e de seus professores.

Mário Piccolo, Guilherme Enfeldt e Alfredo Marini, eram alunos do Ginásio D. Pedro II, de Jundiaí, de ensino privado. Estudiosos e cultos se revelaram responsáveis e competentes como redatores e fundadores do periódico *Excelsior*. Eram maduros para a pouca idade que tinham e seus textos eram muito bem construídos.

O jornal contou com a valiosa colaboração de engenheiros, médicos e advogados que enriquecia ainda mais o seu conteúdo. Igualmente, alguns colaboradores da capital paulista e de cidades do interior do Estado revelavam o alcance do periódico fora de Jundiaí; este periódico recebeu muitos cumprimentos vindos de dentro e de fora da cidade.¹

Dispondo apenas dos vinte e oito primeiros exemplares (28 fev. 32 a 4 set. 32), torna-se impossível apresentar um histórico completo, sobretudo por desconhecer se houve continuidade de sua publicação.

Nascido em um período historicamente convulso, no qual se armou e estourou a Revolução Constitucionalista de 1932, o *Excelsior* teve sua história marcada pelos acontecimentos dos quais participou e pelos quais interrompeu sua trajetória.

Será essa participação o alvo deste trabalho, pois ela irá complementar o que já foi publicado a respeito da ação dos paulistas naquela revolução. É igualmente interessante registrar o evento visto sob a ótica dos jovens estudantes jundiaenses que usaram a imprensa local para veicular seus ideais.

Breve análise do conteúdo

Como órgão literário, o periódico destinou suas duas primeiras páginas às crônicas e poesias embora não lhes tenha criado uma coluna especial e nominada. Ofereceu-lhes o maior espaço, ocupado por muitos colaboradores que eram criativos e cujos textos tinham qualidade.

A coluna Crônica Social ocupava a terceira página e tinha o seguinte conteúdo: uma pequena crônica assinada por Álvaro de Laerte que, às vezes, cedia seu espaço a algum colaborador fortuito. À crônica seguiam as efemérides e a estas as diversões. Nestas se incluíam os filmes da semana e as peças teatrais daquele período. Essa crônica social era arrematada por pequenas notícias locais.

Ainda na terceira página, a coluna Reportagens... trazia a parte do humor ingênuo feito por jovens e para eles. Com pequenas variações e assinada com o pseudônimo de Repórter, o mencionado espaço publicava comentários zombeteiros sobre o comportamento dos jovens jundiaenses. Assemelhava-se com outros periódicos locais, da pequena imprensa. Lentamente surgiram outros pequenos espaços, com nomes variados, contendo brincadeiras. Estas se espalhavam na quarta página ao lado dos informes publicitários e, às vezes, ocupava pequena parte da terceira página. Na quarta página havia informações sobre esportes.

O *Excelsior* não era diferente dos demais periódicos da pequena imprensa local. Sendo, porém, parte constituinte de uma rara coleção, torna-se interessante divulgar sua existência dentro da crônica histórica jundiaense. Seu conteúdo encerra, na Crônica Social, algumas notas reveladoras do respeito cívico e do amadurecimento político da juventude jundiaense, no início do século XX, na Revolução Constitucionalista de 1932.

No primeiro exemplar de 28 de fevereiro de 1932, o Editorial, assinado por Mário Piccolo, aguardava “o estoicismo decidido” de seus colaboradores e “o benévolo acolhimento da mocidade jundiaense”. No segundo exemplar, o Dr. Francisco Rocha Filho atendendo aos anseios daquele grupo arrojado de jovens lhes respondeu em nome de seus conterrâneos que “tão bem sabem interpretar os nobres e altivos sentires” daqueles “jovens idealistas, alados mensageiros e construtores do triunfo do Brasil de amanhã”.

Coube ao brilhante colaborador, em um texto marcado pelo “nobre ideal patriótico” de defesa do “torrão paulista”, incentivar a “classe estudantina” que, através da imprensa, queria lutar por um Brasil maior e melhor naquele momento histórico, naquela conjuntura na qual todos compartilhavam os mesmos ideais. O

exemplar de 17 de julho de 1932 registrou grande comício cívico na Praça Independência.

No exemplar de número 22, de 24 de julho de 1932, em sua capa, o Editorial assinado por Mário Piccolo registrou com veementes palavras a indignação e o heroísmo do “bravo povo de Piratininga”. Destacando o papel de S. Paulo como “a sentinela da ordem e da lei”, convidava aos paulistas a união para juntos darem “a última cartada” contra a “noite medonha da ditadura”.

Ainda nesse exemplar, na Crônica Social, dois artigos comentaram a memorável partida, a 10 de julho de 1932, “do grande batalhão patriótico que seguiu [de Jundiaí] para São Paulo a fim de incorporar-se às forças constitucionais que ora lutam contra a nefanda ditadura”. Eram mais de cinquenta jovens que partiram da estação da S.P.R. (São Paulo Railway). Hinos patrióticos encheram os ares e os corações daqueles que partiam e daqueles que ficavam. Iguamente, foram citadas diversas associações jundienses que ofereceram seus trabalhos em favor da nobre causa da luta pela constitucionalização do país.

Muitos jovens partiram isolados e voluntariamente para São Paulo para participar da luta pela volta das Leis e da ordem.

O Editorial de 31 de julho de 1932, no exemplar de número 23, sob o título “Traíram-te São Paulo!” o jovem Guilherme Enfeldt indignado bradou contra a terrível acusação que alguns brasileiros, mal informados ou mal intencionados, faziam ao publicar notícias sobre o “desejo separatista” e aproveitador dos paulistas.² O Editorial mostrava que São Paulo queria lutar contra a ditadura, que sempre ajudara aos estados necessitados e que agora estava só, abandonado e traído por todos.

Um pequeno artigo intitulado “Pela Grandeza do Brasil”, assinado por A. N., conclamou a todos os brasileiros para, unidos, lutarem pela reconstitucionalização do país.

Ainda no exemplar de número 23, notícias sobre a revolução ocuparam quase toda a Crônica Social. A primeira nota comentava o espírito cívico e solidário que uniu jovens professoras e senhoras da sociedade paulista jundiense em um grande comício pró-revolução, seguido de passeata pela cidade. Outra notícia parabenizava o “digno gesto” da Cruzada da Mocidade Católica jundiense que percorreu bairros e o centro da cidade a fim de angariar donativos para as famílias dos soldados que haviam partido para lutar.

Também as igrejas de Jundiaí celebraram missas diárias pela paz do Brasil.

Os redatores do *Excelsior* pretendiam permanecer circulando, sem pessimismo, para dar suporte ao movimento cívico, através do periódico.

O exemplar de número 25, de 14 de agosto de 1932 registrou, na Crônica Social, que o senhor Manoel Soares Júnior ofereceu cinco balas winchester para serem enviadas “para os soldados que defendem a Lei e a Liberdade”. Elas foram encaminhadas para a capital paulista, para o M.M.D.C.

No mencionado exemplar foi registrada a “soma líquida de 359\$900 e mais 600 cigarros” arrecadados pela Cruzada da Mocidade Católica e que seriam enviadas às famílias dos soldados em luta.

O exemplar número 26, de 21 de agosto de 1932 publicou no rodapé da capa o seguinte: “Invicto, sob a égide de um nobre ideal, São Paulo ressuscitará, para o Brasil, o cadáver da Lei!” assinou A. M. H.

A 28 de agosto de 1932, o exemplar de número 27 registrou a carta de despedida de Irineu Cortina, datada de 22 de agosto de 1932. Ele partia para defender São Paulo dizendo que queria que “São Paulo esmague a ditadura”. Convocava os seus conterrâneos para o acompanharem.

Nesse exemplar foi registrada a transcrição de um texto irreverente da *A Gazeta*, do Rio de Janeiro, do dia 20 de agosto de 1932. Igualmente foi registrada a partida de Guilherme Enfeldt e Irineu Cortina “para o front” no dia 22 de agosto.

A 4 de setembro de 1932, o exemplar de número 28, o rodapé da capa publicou o seguinte: “*Diga aos jundiaenses que o 2º [grupo de artilharia] de Montanha não voltará sem a vitória. Nós, que saímos daí em busca da Lei, só voltaremos com ela. Ou a Lei e a Liberdade, ou nada!*” (palavras do Cabo David dos Santos)

Nesse mesmo exemplar, duas cartas do Cabo David dos Santos evidenciam a coragem e idealismo dos jovens voluntários que participavam da luta pela Lei e pela Liberdade e também o importante papel do jornal *Excelsior* que oferecia seu espaço para que nele se registrasse uma pequena parte da história dessa luta polêmica.

Uma pequena mensagem enviada ao jornal por Guilherme Enfeldt, vinda de Mogi - Mirim dizia:

Mário, um abraço a todos. Chegamos hoje em Mogi - Mirim, fortes como sempre. O 3º sargento João Gnaccarine e eu, seguiremos hoje mesmo para Eleutério. Somos da 2ª Companhia, 3º Batalhão de Engenharia.

Lembranças a todos os daí.

Guilherme.

Nessa página, ao lado da carta de Guilherme, a redação do *Excelsior* publicou uma nota anunciando a suspensão das publicações em respeito a ausência do redator Guilherme Enfeldt.

“... lá nas fronteiras se acha um companheiro de Redação, é justo, é coerente, é mister mesmo que silenciemos. [O Excelsior] ... só voltará a circular, quando entre nós achar-se novamente altivo o nosso esforçado propugnador Guilherme Enfeldt”.

Na última página desse exemplar o registro de uma pequena carta do 3º sargento Hugo Anaruma ao Hermógenes, evidencia o bom humor daqueles jovens jundiaenses em plena luta:

Campina de Monte Alegre, 28/8/32.

Caro Hermógenes:

Vou indo bem. Estou guarnecendo uma ponte, depois de dois dias e duas noites de fogo cerrado.

O “batuta” nesse tiroteio foi promovido a 3º sargento, comandante de um Grupo. “Mande” o Mário Piccolo “sapecar” no Excelsior que o bichão aqui não é somente “garganta”. Comigo é ali... na batata!

Lembranças a todos os do “broco” e um abraço do

Hugo Anaruma

3º Sargento.

Nesse exemplar na última página lê-se “Lede o *Excelsior*, jornal dos Estudantes”. Essa nota continha, em seu pedido, a esperança dos redatores de prosseguirem sua trajetória quando a paz voltasse a reinar no estado e no país.

Eles ainda alimentavam a “mais entusiástica esperança” que havia marcado o jornal já nas primeiras linhas do exemplar de número 1 que circulara a seis meses, naquela época os jovens redatores, no editorial perguntavam: “Que destino se nos estará reservado? Quais serão os frutos de nossa investida?” e continuavam: “...Nada nos entibiara”.

Concluindo este trabalho creio ter preservado, ao trazer para o século XXI, algumas das características daquela saudável juventude jundiaense. Todo resgate de memória é valioso para a crônica histórica e este é apenas mais um entre muitos.

Notas

1. Cumprimentos ao Excelsior: de A Comarca, A Folha, O Jundiaense e de Santa Mellilo, Pimentel Júnior, Luciano Salvino, M. F. Cotrim, Arlindo A. Soares, Elio M. Orelhana.
2. A Gazeta, n.º 7947, de 25 de junho de 1932. Notícia difamatória sobre o ideal paulista.

Fontes Consultadas:

Vinte e oito exemplares do jornal O Excelsior publicados no período de 28 de fevereiro de 1932 a setembro de 1932, da coleção do professor Mário Duarte.

O IDEALISTA: PERIÓDICO JUNDIAIENSE

Ficha técnica de O Idealista

Fundado em 1933 em Jundiá (entre os meses de janeiro a junho do mencionado ano).

Publicação bi-semanal: as quintas e domingos.

Redação e Oficinas: Rua São José, 13 – fone 665-j-13.

Expediente: Diretor: J. M. G. F. Bocayúva.

Gerente: Waldemar Simões.

Exemplares: com 4 páginas.

Assinatura anual: 12\$, avulso \$200.

Tipografia: São Vicente, Rua São José, 13.

Dimensões do jornal: 39 cm de comprimento (folha) x 26 cm de largura (folha), 35,5 cm de comprimento (mancha impressa) x 26 cm de largura.

Colaboradores: J. M. G. F. Bocayúva, Waldemar Simões, Pinto Silva, Dr. A. de Vasconcellos, Silva Freire, Schubert-Jundiá e “Médio” (pseudônimo de um colunista esportivo).

Notas históricas

O exemplar único, aqui historiado, data de 20 de junho de 1935, tem o número 168 e o ano II. Esses elementos nos permitem afirmar que sua fundação é datada do ano de 1933, entre os meses de janeiro a junho daquele ano. Surgiu portanto após o movimento revolucionário de 1932 que agitou o estado paulista.

Não podemos afirmar que seu diretor, J. M. F. Bocayúva seja seu fundador. Sua ficha técnica registra os nomes de seu diretor, gerente e de alguns colaboradores.

O alvo de nosso trabalho foi publicado em um ano agitado para o Brasil, pois em toda década de trinta, do século XX, o país sofreu intensa mobilização popular resultante do levante tenentista e da implantação da Era Vargas. No Dicionário das Cidades Paulistas, *O Idealista* é citado como órgão do Partido Constitucionalista do que se depreende que ele tenha abraçado tal causa, a luta pela volta a constitucionalidade pátria, fato este comprovado no artigo *À Mocidade Brasileira* e que será comentado na análise do conteúdo do exemplar em estudo.

Análise do conteúdo

O Idealista não traz em seu cabeçalho a qual público alvo se destinava e nem explicita qual é a sua proposta de trabalho. Desconheço qual a fonte de informação consultada por Assis Cintra ao registrar que *O Idealista* era órgão do P. C., (Partido Constitucionalista).

De sua leitura, destaco oito espaços destinados à diferentes assuntos, mas estes não possuem títulos ou colunas específicas, espalhando-se nas quatro páginas do periódico.

Chamarei de Espaço Aberto aquele que foi destinado a dar voz aos leitores daquele município. Dentro deste, na primeira página, o texto “Estação Experimental Viti-vinicola” dá a palavra a João Cereser que, nele defende os interesses dos viti-vinicultores do bairro jundiense do Caxambu. Este artigo já foi por mim comentado em trabalho anterior que tratou sobre a viti-vinicultura jundiense e que apresentou artigos de 1934 de *O Porvir* e de 1935 de *O Idealista*.

Ainda dentro do Espaço Aberto, na quarta página do periódico estudado, sob o título “Se eu fora eleito Prefeito Municipal”, o colaborador Pinto Silva pergunta aos eleitores o seguinte: “qual plataforma defenderia o munícipe, uma vez eleito para o cargo de Prefeito Municipal”.

Pinto Silva esperava que seus eleitores apresentassem à “futura edilidade” problemas que poderiam escapar ao administrador pois, “um só homem não pode nunca focalizar [sozinho] todos os problemas locais”. A “enquete” tinha por objetivo “colaborar para a grandeza da nossa terrinha, boa e generosa”.

O segundo espaço é aquele destinado ao noticiário. Muito variado, sempre voltado aos interesses locais, acompanhado ou não de pequenos comentários, distribuía-se, irregularmente, pelas primeira, segunda e quarta páginas. Destaco duas notícias relativas à Rádio Record, P. R. B. - 9, “A Voz de São Paulo”. A

primeira, na página dois, registrava a presença, em Jundiáí, de três representantes da tradicional emissora de rádio, os senhores Nelson Bastos Carvalho, Mário Soares e Nucio Andrade Faria. Estes ali estavam para aumentar o quadro social da P. R. B. – 9 e para tanto procuraram a redação de *O Idealista*, que registrou o fato. A segunda notícia, publicada na página quatro, tratava do projeto implantado no interior paulista pela Record. Este consistia em fazer reportagens radiofônicas sobre os municípios paulistas visitados e tornados sócios da emissora. Seria de grande interesse para toda cidade, pois teriam destacadas as qualidades de sua indústria, de seu comércio, de seus recursos naturais, de seus artistas e intelectuais. Isso confirmava seu aposto “Rádio Sociedade Record, P. R. B. – 9, a voz de São Paulo”.

Também destaco uma pequena nota sobre a guerra no Chaco (1932-1935), publicada na primeira página, sob o título “A Paz no Chaco”; o periódico registrou os cumprimentos do Prefeito Municipal Dr. Antenor Gandra, de Jundiáí, destinados ao nosso embaixador Dr. Macedo Soares. Este obtivera com sucesso a pacificação da região da fronteira entre Bolívia e Paraguai.

A paz ali era complicada, pois Bolívia fora prejudicada pela Guerra do Pacífico (1879-1883) quando perdera sua região litorânea conquistada pelo Chile. Na guerra do Chaco a Bolívia pretendia negociar uma saída para o Atlântico através dos rios platinos que irrigam o Chaco. A ação do imperialismo britânico, apoiado pelo imperialismo norte-americano, financiando a defesa do Paraguai, derrotou a inconsolável Bolívia. Não encontrando o ambicionado petróleo na região beligerante, os países imperialistas se afastaram e o conflito poderia continuar; isto dificultava a paz obtida depois por nosso embaixador, por isso muito elogiado.

Um espaço destinado às críticas, feitas pelos colaboradores de *O Idealista* aos jornais *A Comarca* e *A Folha*, situado na primeira página, comenta, com ironia, um texto de *A Comarca*; esta teria publicado sua reprovação à atitude “impatriótica de alguns gananciosos” que, desrespeitando o feriado internacional decretado para comemorar a paz no Chaco, mantiveram seus estabelecimentos abertos. Quanto *A Folha*, a ironia de *O Idealista* foi mais ferina. Aquele jornal publicara que as autoridades locais deveriam “encarar o fato [da abertura do comércio] pelo lado prático da questão, pois o feriado fora decretado repentinamente”.

Há outras críticas aos artigos de *A Comarca* e *A Folha* que comentavam o fato do prefeito jundiense não ter explicado a causa da demissão de um dos seus secretários. O demissionário desmerecera a confiança do prefeito. Também é defendido, pelos articulistas de *O Idealista*, a isenção política do periódico acusado na imprensa local de estar apoiando os perrepistas.

Quanto aos artigos, apenas um foi registrado no exemplar estudado. Trata-se do artigo intitulado “Mocidade Brasileira” e é da autoria do Dr. A. de Vasconcellos. Esse doutor, com idade e experiência de vida faz um apelo à juventude jundiaense para que esta, inexperiente, mas entusiasta e bem formada não se deixasse enganar por aqueles que defendiam “...*paixões despidas de todo o amor pela causa sagrada que é o respeito aos bens adquiridos*”. Ele afirmava que “...*É preciso, mocidade brasileira, que vossa rigidez de amor aos deveres afetivos para com a Pátria, não vos deixes enganar*”.

Trata-se de um brado de alerta, pois o ano de 1935 era crítico. Ideais socialistas envolviam os jovens com propostas atraentes de soluções imediatas para todos os problemas político-econômicos que sacudiam o mundo no período do entre-guerras.

Os movimentos radicais de direita eram inéditos no país, daí a preocupação dos mais experientes em preveni-los contra os possíveis socialistas que “ameaçavam o respeito aos bens adquiridos”.

A Aliança Nacional Libertadora pregava, no país, a luta pela libertação nacional, destruída pelo golpe de 1930. Getúlio Vargas iria decretar a ilegalidade da ANL e iniciar uma terrível repressão ao comunismo, sempre temido pela direita, mas nunca realmente aplicado em país algum. A própria URSS fugiu ao modelo pregado por Lênin.

O artigo demonstra a esperança e a confiança dos mais velhos, no bom senso dos mais jovens, desde que conheçam as “*verdades para que, ao alvorecer de um dia grandioso para sua epopéia, ao sol do Brasil a vossa presença ante as claridades reais da História se assinale como ação, como espírito e como sentimento*”. O doutor Vasconcellos dava séria responsabilidade à mocidade.

Quanto aos eventos locais, há alguns registros espalhados pelas páginas dois e quatro, sem título ou coluna especiais. Na página dois há o convite para festa junina a ser realizada no “Grêmio Recreativo Jundiaense”. A festa era tradicional e exigia “traje a caráter”.

Também na página dois está registrada a passagem da “Cia. Theatr’art, do jundiaense João Pupo que se apresentou no Cine Teatro República, com duas peças O Maluco da Avenida e Sou o Pai de minha Mãe. O periódico teceu elogios à companhia teatral que “agradou sobremaneira”.

Na página quatro, sob o título “A Esportiva faz anos amanhã”, o periódico comenta as qualidades e o sucesso da Associação Esportiva Jundiaense que completaria nove anos a 21 de junho de 1935. Fundada em 1926 possuía uma das boas praças de esportes do interior.

“O Idealista, que acompanha pari-passu e com grande simpatia o seu crescente desenvolvimento, consigna-lhe as mais calorosas e justas felicitações, extensivas aos seus operosos dirigentes”. Assinou Silva Freire.

O Idealista parabenizou também o maestro Arthur Vasques, o novo regente da Banda Paulista, jundiaense.

Espalhados nas páginas dois e quatro estão registradas as efemérides. Na página dois uma lista de aniversariantes cita nomes de famílias antigas da cidade: (dia 20 de junho): Irene Borin, João Silveira da Rocha, Leonel S. Prado, Lydia Kartan, Geraldo H. Guimarães; (dia 21 de junho): Otto Thomazini, João B. Moraes, Mário Mojolla, Helena F. Guimarães, Alina Ladeira; (dia 22 junho): Carlos de Salles Block, João Fersari, Luiz d’ Olival Fray, Ofélia Lerbach, Marina da Silva Pontes.

A lista de nascimentos destaca a menina Adalziza filha de José Antônio Gonçalves e Maria dos Santos Gonçalves; também o menino Erezer Raymundo filho de Anestor Araújo Maia e Angelina Motta Maia. O menino João Batista filho de Domingos da Rocha e Maria Luiza G. Rocha.

Igualmente cita as bodas da prata de Luiz de Felipe e Norma C. de Felipe e o casamento de Nelly Galvão de Moura Lacerda e Mário Duarte.

Quanto aos falecimentos, foram registrados: José Branco e José de Carvalho.

Embora sem título específico, os ESPORTES ocupam toda a página três e grande parte do parágrafo quatro. Tal fato revela haver muitos leitores para o assunto.

Na terceira página, quatro colunas comentam detalhadamente a composição dos times locais “Mecânica Futebol Clube” (M.F.C.) e “S.P.R. Athletic Club” e seu desempenho no jogo da semana.

O M.F.C. jogou com Rodrigues, Jacob (o “Tom Mix”), Mário, Figueiredo (o “Adão”), Adão (o “Jacob”), Laurindo, Cesccom, Nico (o “Ditão”), Sabiá, Faccioli e Revolta.

O S.P.R. (Saint Paul Railway) jogou com Oscar, Rabelo, Agapeama, Moreno, Cássio, Plácido, Victalino, Alves, Guerino, Zezinho e Cacique. Os times empataram. Há críticas ao juiz e seu mau desempenho e aos jogadores infratores.

Há comentários detalhados também sobre o embate entre o Corinthians Jundiaense, com três gols e o São João F. Clube, com dois gols.

Duas notícias ligadas aos esportes, fora registradas na página três: uma tratava de um almoço festivo da diretoria do “Drogaria Ypiranga Futebol Clube”

realizado no restaurante paulistano Franciscano; outra citou a criação de “uma nova e importante Entidade Esportiva em Jundiaí. Tibúrcio Siqueira cuidou do empreendimento e o Dr. Antônio Prado Júnior, diretor da Cia Paulista de Estradas de Ferro (C.P.E.F.) seria seu patrono. Este era grande esportista brasileiro e igualmente seria membro do Comitê Olímpico de 1936.

Presente nas quatro páginas de *O Idealista*, os informes publicitários eram dezenove.

Segue como ilustração, o rol desses informes: Pastelaria Central, na Rua Barão, 95; Tipografia e Papelaria São Vicente, na Rua São José, 13 (esta aparece duas vezes na página um); Empresa Funerária Seixas, na Rua São José, 10; Casa [de meias] Primavera sem endereço; Relojoaria Moderna, de José Effemberger, na praça Marechal Floriano Peixoto, 1-A; Fábrica de Móveis de Perim e Quartaroli, na praça Amparo, 32; Palacete Ruiz; Guia Terapêutico da Medicina Vegetal; Agenciadora Marconde, na Rua Rangel Pestana, 1-1-2 (vende charretes); Fábrica de Móveis de Antônio Martini, na Rua Capitão Damásio, 27; A Eletrificadora, na Rua do Rosário, 101; Dr. Alfredo J. Garcia, médico e cirurgião, na Rua Barão de Jundiaí, 122; Dr. Jurandir Rocha, cirurgião dentista, na Rua Eng. Monlevade, 45; Chops Tip Top, na Paulicéia; Gemesil, caixa postal 2393, RO; Tabacaria Centro, Rua Barão de Jundiaí, 112-A; Escola de Corte e Costura Jundiaí, Rua Torres Neves, 54; Fábrica de Colchões, de Frederico Scapini, Rua Senador Fonseca, 195; Loja de produtos para festas juninas, de João Copelli & Cia., na Rua do Rosário, 121; Casa de Saúde Fratellanza Italiana, com médicos renomados, telefone 3-9-4.

No periódico estudado não consta crônicas, poesias nem contos e pensamentos. Parece não ter a literatura como alvo.

Seus informes publicitários são simples, quase sem ilustrações.

Não há espaço para registro de informações sobre cinemas, circos, apresentação de bandas musicais, bailes ou outras formas de lazer. O informe sobre a companhia teatral de João Pupo foi uma exceção.

Pelo grande espaço destinado aos esportes pode-se supor tratar-se de um periódico voltado para a população masculina. Esta é a que mais se interessa por futebol até nossos dias.

A presença de quase duas dezenas de informes publicitários em um único exemplar revela que aquele era um veículo de comunicação adequado porque, provavelmente, muito lido.

Seu preço era menor que o de outros periódicos locais e, por isso, mais acessível.

Fontes Consultadas:

1. Muntreal, Oswaldo e Grandi, Larissa: “A imprensa na história do Brasil: foto jornalismo do século XX” PUC – Rio – Rio de Janeiro.
2. Cintra Assis, Dicionário das Cidades Paulistas – Gov. Estadual – São Paulo – 1935. Capítulo: Jundiaí.
3. *O Idealista*, de 20 de junho de 1935, nº. 168, Ano I, jornal bi-semanal.

A AGULHA

Ficha técnica do jornal A Agulha.

Fundado em 8 de novembro de 1925, em Jundiaí.

Dedicado à Mocidade Jundiaense.

Órgão crítico, humorístico, social e literário.

Redator: Francisco Rodrigues Branco.

Auxiliar: [.....] ilegível.

Redação: Rua Senador Fonseca, 48.

Oficina própria: Vila Ahrens.

Colaboradores: Francisco Rodrigues Branco, J Pimentel, Teardu (anagrama de Mário Duarte).

Exemplar com quatro páginas.

Dimensões: 29,5 cm comprimento por – 18 cm largura (das páginas)

26,5 cm comprimento por 14 cm largura (da mancha impressa).

Histórico do Periódico

O jornal *A Agulha* foi fundado a 8 de novembro de 1925, em Jundiaí, por Francisco Rodrigues Branco. Pertencia à pequena imprensa local e seu nome sugere costura, emenda, bordado e também dito irônico e mordaz.

Na sua proposta o periódico se diz, em primeiro lugar, um órgão crítico, o que nos faz crer que a ironia e a crítica foram seus principais traços, embora estes não tenham aparecido no único exemplar do qual dispomos.

Trata-se de parte recortada de um único exemplar, conservado por oitenta e dois anos em coleção particular, por conter a publicação da primeira crônica da autoria do colecionador, em sua juventude. Assim sendo torna-se impossível

historiar a trajetória do periódico *A Agulha*, o que não invalida o registro dos únicos dados disponíveis, pois eles testemunham sua existência e o insere no contexto histórico da imprensa jundiáense.

Sendo um órgão cujo público alvo era a juventude jundiáense, é de se supor que seu conteúdo se assemelhasse ao conteúdo dos demais periódicos destinados aos jovens da cidade. Nascido no início do século XX, sua parte literária trazia ainda as características do romantismo do século anterior e sua nostalgia.

O periódico consultado é de 30 de maio de 1926, o que revela a existência daquele por, ao menos, seis meses e vinte dois dias.

Análise de conteúdo

Fazendo parte de uma pequena coleção familiar, de periódicos jundiáenses do período compreendido entre 1925 a 1935, do jornal *A Agulha* dispomos apenas de um fragmento conforme foi citado anteriormente. Este é constituído de capa, segunda página inteira e quase metade das terceiras e quarta páginas.

Tratando-se de um fragmento torna-se difícil também a análise de seu conteúdo, mas indispensável o seu resgate, pois é valiosa a sua menção para a construção da história da imprensa jundiáense.

Devido ao estado precário do exemplar disponível, julgo interessante pelos motivos acima expostos, apresentar a transcrição de seu conteúdo e tecer-lhe alguns comentários críticos.

Conforme foi explicitado em sua ficha técnica, contida em sua página de rosto, o jornal era órgão crítico, humorístico, social e literário e dedicado à mocidade jundiáense. Nessa proposta não era diferente de muitos periódicos, seus contemporâneos, da pequena imprensa local.

Embora o aspecto literário esteja colocado em último lugar nos objetivos propostos pelo jornal, as páginas, de rosto e a segunda, contem trabalhos literários ocupando também parte da terceira página. No exemplar disponível, nada existe sobre os demais aspectos propostos.

Três informes publicitários ocupam parte da quarta página e o canto inferior direito da capa. Dois deles anunciam e sugerem a experimentação do Café Casa Verde à venda na Casa Taddei, situada na Rua Rangel Pestana, 94. Esta casa oferecia a quem comprasse o café, uma xícara de porcelana para cada quilo adquirido. O terceiro informe tratava do Botequim Central de Francisco Bruno. Dizia: *Neste bem montado botequim recentemente aberto nesta cidade encontra-*

se um bem variado sortimento de: LICORES, CERVEJAS, DOCES, CONSERVAS, CIGARROS E CHARUTOS.

No periódico disponível falta o endereço do estabelecimento.

Um pequeno cupom, na quarta página de *A Agulha*, registra um costume próprio daquele início do século XX. Tratava-se de um concurso de beleza promovido pelo jornal, entre seus leitores. Dizia:

“Concurso de Beleza”

COUPON

“Vale para o CONCURSO DE BELEZA promovido pela A Agulha

A senhorita mais bella é -----

Nome do votante -----”

Fonte consultada

Jornal *A Agulha*, de 30 de maio de 1926, Ano I nº [ilegível].

Conclusão

Com a apresentação deste projeto de resgate de jornais antigos e raros estes foram finalmente, após oitenta anos de suas publicações, inseridos no contexto histórico da pequena imprensa local.

O projeto poderá propiciar, após sua divulgação na cidade de Jundiá, o aparecimento de outros periódicos raros que poderão ser historiados e oferecidos ao público em geral, e aos jundienses, em particular. Será um ato de cidadania, característica da gente jundiense.

EXCELSIOR

Organ dos alumnos do Gymnasio D. Pedro II
LITERARIO - CRITICO - NOTICIOSO — Publicação dominical

Publicação: Semanal 195
Bimestral 35 - Mensal 15
- Número 5300 -

Redactor-Director:
Gottfriede Catfeldt

Redactor-Chefe: **MARIO PICCOLO**

Jundiahy, 28 de fevereiro de 1932

Redacção e Administração:
Rua do Rosario, 149

Redactor-Secretaria:
Alfredo Marini

ANNO I
NUM. 1

Excelsior

▲ sombrá verde da mais entusiastica esperança, prometteramos, ha algum tempo, a fundação deste organ. Ninguém o ignora, por certo. Tão solenne era a nossa lha-neza, tão irreductivel era o nosso desejo, que não hesitamos, e nem poderíamos hesitar, em tornar publicas as aspirações a que nos irmantavamos. Assim é que, sem preambulos, pela voz mihi respectavel de nosso dignissimo professor, noticiámos, em ligeiras palavras, a nossa proxima realizacão. Todavia, em diuturnas considerações, nos mantivemos até hoje, quando, desfraldando a bandeirola de nossos ideaes, lançamos á luz o primeiro numero de EXCELSIOR, facto esse que assaz nos rejubila.

Já agora estamos cumprindo o que publicamente asseverámos. Não se diga fomos precipitados. Nem se julgue vaidade o estímulo que de ha muito despertamos. Porque, para deixar bem nítido o acervo de nossos anhelos, para não sepultar os nossos angelicos principios, aqui estamos, cubertos, num amplexo de fraternidade e sacrificio, iniciando a vereda áspera em que muitos já trilharam.

Que destino se nos estará reservado? Quaes serão os fructos de nossa investida? Essas interrogações, que durante longas vigílias pairaram sobre nós, abriram-se agora em consoladora perspectiva. De nossos corações, em timido reluzir, se evola uma restea alentadora, que ha de indicar, nos momentos amargos de nosso apostolado, o valor do sacrificio que voluntariamente nos impuzemos. Nada nos entibillará. Aceitaremos, desvanecidamente, todas as investidas que nos aitraem. E sabermos perdoar, de boa vontade, os nossos lécaes detractores. Não seremos pu-

silanimes, éntretanto. E se mascarado de alumno, algum falso amigo contra nós se levantar, apontá-lo-emos aos olhos do publico, para que este lhe dê o desprezo a que faz jus.

E o que tínhamos a dizer. Esperamos agora a estoiicismo decidido de nossos colaboradores, e, sobreudo, o benevolo acolhimento da mocidade jundishyense.

MARIO PICCOLO

Engançã

*** **

Um dia apenas, estaria li-
berto. Deixar aquella espe-
lunha immunda e escura.
Ver as ruas, as arvores, os
passarinhos, o céu... Ia ver
tudo, tudo o que os seus o-
lhos avistassem. Ah! sim, dis-
se consigo, vou ver tambem
os homens, esse faipórrias da
sociedade, esses bigorrihas
que dão vida a este mundo
estallado e ruivulhoso. Não,
não os quero ver.

Na pervicácia daquellas su-
as palavras, era irreductivel.
Antes queria morrer á fome,
que ver seres humanos. Que-
ria continuar incommunicavel,
morto para todo o sempre ao
mundo terreno.

Nesse estado de insipien-
cia, percebeu que iam abrir
a porta do carcere e horri-
velmente pensou que iria ver
o rosto de um homem. Do
carcereiro.

Alucionado, gritou desabi-
damente: não abra, não que-
ro deixar esta prisão. Odeio
aos homens. São hypocritas,
injustos e malleitores...

No dia seguinte, a guarda,
pelo cubiculo, chamou o en-
carcerado, que o almoço es-
tava ali. Nenhuma voz res-
pondeu. Lá dentro da prisão,
nem uma respiração se ouvia.
Abriram a porta do carece-
re, pela primeira vez, depois
de trinta annos consecutivos.

Um quadro' esasmódico se
deparou aos olhos do carce-
reiro e da guarda. O encar-
cerado suicidará-se com suas
propias vestes, enforcando-se.
A sua direita, escripto com
seu proprio sangue, sobre u-
ma encardida peça de roupa,
podia-se ler claramente:

«Fol esse o unico meio de
me livrar dos homens. São
injustos, imbecis... Estou vin-
gado pelas minhas proprias
mãos.»

Apenas o carcereiro tocára
no corpo do suicida, este tor-
nou-se em pulverencia. Sua
visgença contra os homens
fora terrivel e completa.

G. ENFELDT

sem que cahisse em extase
platonico para admirá-los.
Nenhuma arte do mundo pô-
de reproduzi-los com perfei-
ção, porque elles são divinos.
Cala para mim esses labios
tão femininos, por serem fe-
mininos elles temem, por se-
rem bellos, traem. Esses la-
bios que todo o mundo co-
biça, quando mentem, ferem,
quando traem, matam.

«Éntretanto, não quero ou-
vir a tua voz, não quero re-
parar nos teus labios, mas o
que não daria para buvi-los
sem os escutar, vé los sem os
julgar, senti-los em loagos e
armoniosos beijos sem os bot-
jar?»

Em sonhos, não sinto o sa-
bor de teus beijos, vejo, de-
sejo e sinto uns labios que
não pertençam a nenhum en-
ta-hutano, mas sim a um
ente immaterial, invisivel, á
ama imaginação... Elles não
foram para mim, mais que
uma nuvem asphyxiante que
deixou uma cicatriz indele-
vel em meu coração, que ao
ser transpassado por ella
gritou como o mais inclemen-
te dos assassinos: que se vé
diano da morte. Apesar dis-
so, elle é innocente, ama-te,
ella o unico peccado que pos-
sue, mas os anjos tambem a-
mam, acima da sua pessoa, o
seu Deus.

E tu és a minha deusa...
Deus confortou os seus, sub-
ditos com o seu amor, e tu,
minha deusa e rainha, vé o
teu fiél subdito, implorando a
tua clemencia e o conforto
de teu amor, tudo lhe negas,
só lhe dás desprezo.

Deusa tyrana, diz-me com
teus olhos, symbolos do luto
e da morte, negros como a
nuvem de teu desprezo, mas
poderosos para converter o
meu pessimismo; diz-me se
me amas, diz-me...

ALFREDO MARINI

Annuncios

Para annuncios nesta folha
queiram os srs. interessados
dirigir-se ao nosso redactor
gerente, que se incumbiu des-
ta secção.

Folha de rosto do exemplar n. 1 do Excelsior -1932

Tinhamos certeza de que os redactores do jornal opposicionista não apontam — nem o nome do nosso redactor, nem o do procer perrepiستا a quem, segundo elles, se teria alludido para fazer a campanha politica no proximo pleito municipal. Já é por demais conhecida a falta de criterio desses fareadores de imprensa. Não podendo absolutamente vencer por nós em mais de uma lucta, relegados já agora, á mais ínfima e a mais triste posição no jornalismo local, tentam lançar a intriga nesta casa de trabalhos, mas não o conseguirão. Somos todos um mesmo homem, cada um mais conscião da sua responsabilidade. Honestos, vimos exigir, em nome desta honestidade, a citação dos nomes do nosso redactor e do procer perrepiستا. Quem accusa, deve ter elementos bastantes para manter de pé e irreductivel a accusação. Não necessitamos da lingua de Diogenes. Queremos, tão sómente, que os "collegas" sejam honestos, publicando, domingo proximo, os nomes das pessoas em questão.

O IDEALISTA

Publicação bi-semanal, as quintas e dominicos

Belosé e Obisernos, Rua, 6, José, 13 — Fone 606-7-13

Anno 2 Director: DR. E. Y. BORGATTA Jundiaby, Quinta-feira, 2 de Junho de 1935 ASSINATURAS: Anual, 120, semestral, 85, mensal, 18, avulso, 5000 N. 168

ESTAÇÃO EXPERIMENTAL VITI-VINICOLA

A palavra do Caxambô

Abriremos no mês p. (publicado) com a publicação de uma lucta, relegados já agora, á mais ínfima e a mais triste posição no jornalismo local, tentam lançar a intriga nesta casa de trabalhos, mas não o conseguirão. Somos todos um mesmo homem, cada um mais conscião da sua responsabilidade. Honestos, vimos exigir, em nome desta honestidade, a citação dos nomes do nosso redactor e do procer perrepiستا. Quem accusa, deve ter elementos bastantes para manter de pé e irreductivel a accusação. Não necessitamos da lingua de Diogenes. Queremos, tão sómente, que os "collegas" sejam honestos, publicando, domingo proximo, os nomes das pessoas em questão.

Symphonia Inacabada

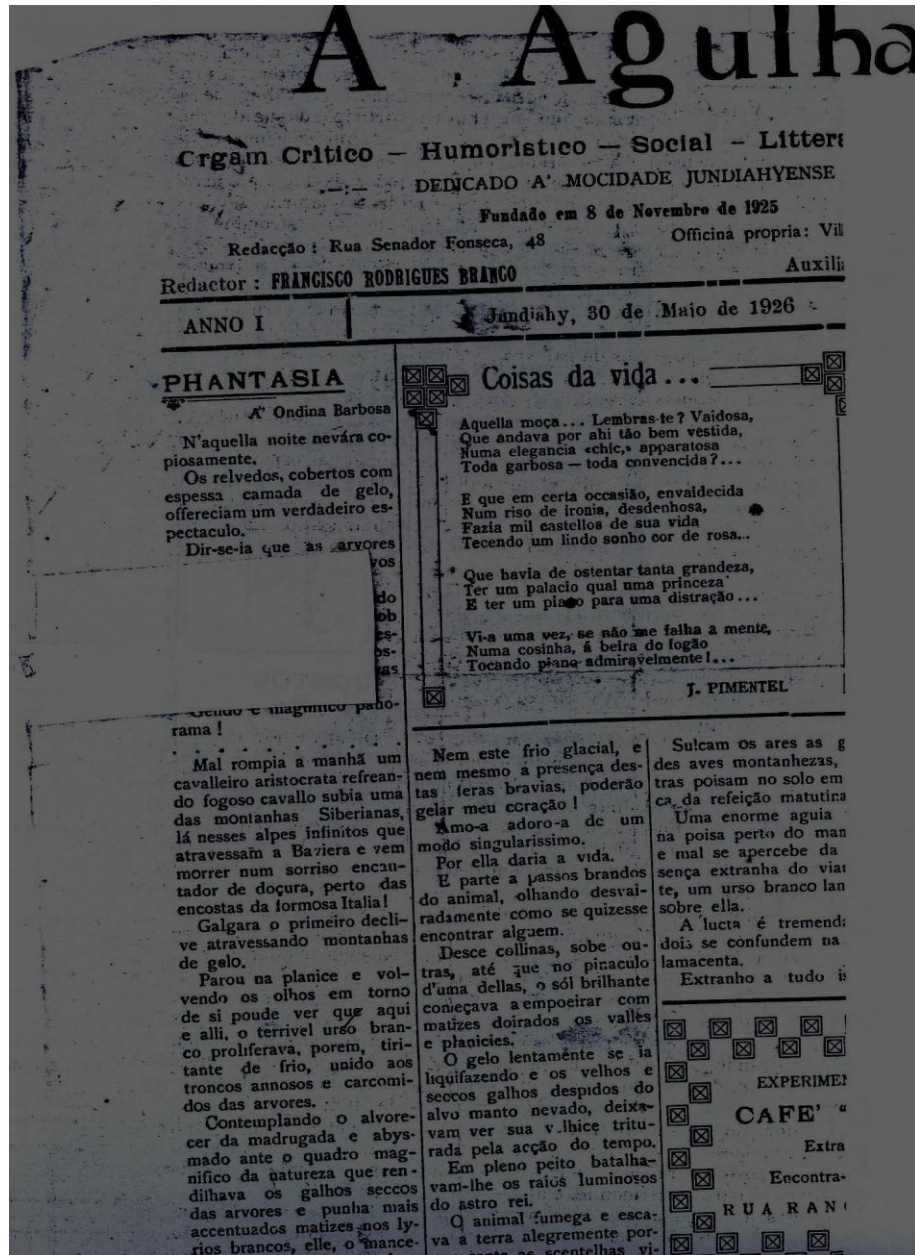
Commigo não violão: - E' ou não é - Comarca vs. Folha

Se não nos enganamos, o internacional pela pacificação ergido da casa do Sr. José (7) sul-americana, com a solução contra nos accionistas de desleixo, em 11 de maio de 1935, em que o diploma brasileiro, tempestivo é de um sota que já do seu o seu mais bello fôrço mostraram soberanamente não de gloria, e nosa prestissima conhecer as mais commensal collega e o Comarce antes regras de localidade, hã, poro verberou contra a impatitencia tanto, matarammte, devotida attitudo de alguns gencionarios, equivo. Se elles fallam em suas estabolecimentos curi-para comozos, mas para comos por multiplicado, gencionios não obediencia ao Decretopropoz a lapidação de qua em esse caso de negocio abertos até á tarde, descepcionado: sa- sim os poderes constituídos, nos seram encorajados.

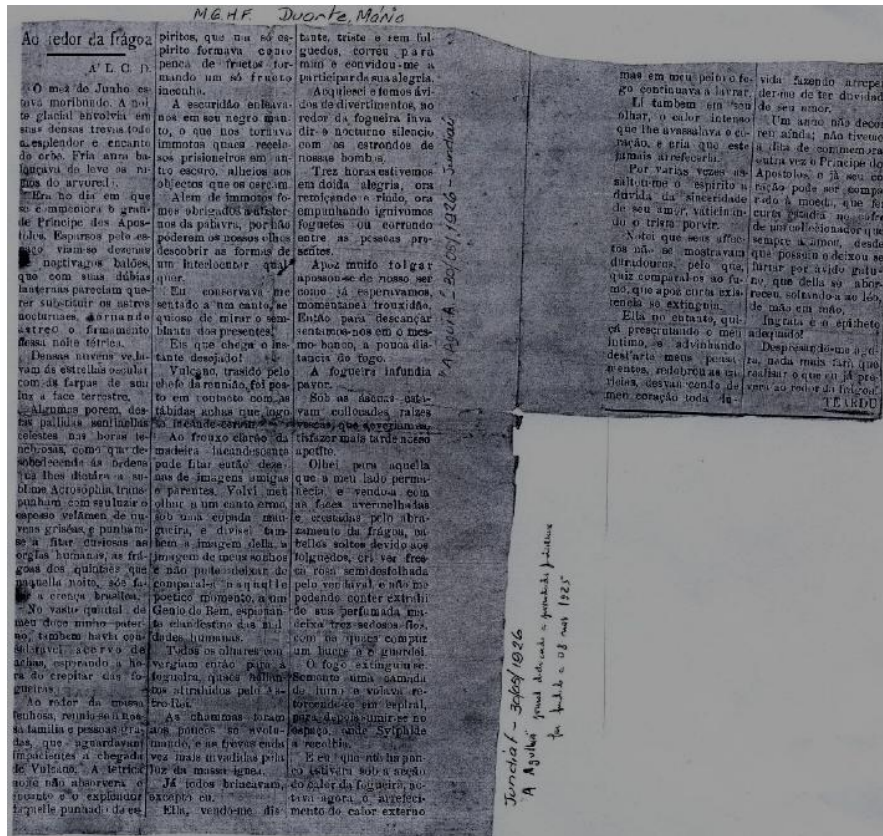
REUNIAO DO PARTIDO CONSTITUCIONALISTA

Além de fôrse importantes deliberações, haverá se reuniu amando, conduzido por Sr. José, 13.

Folha de rosto do exemplar n. 168 do O Idealista -1935



Folha de rosto de exemplar do Ano I d' A Agulha



Crônica do Prof. Mário Duarte "Ao redor da frágua" em A Agulha-1926